

Imagens-mulheres de dor e gozo, potência e obstáculos. Os versos são o barro do qual me valho para re-criar experiências, aspirações e convivências. Cada poema marca passos nos caminhos desejados: a unidade na diversidade em “Por todas”; um amor em liberdade para “Essas mulheres”; a vida em desafio na lâmina-raio de “Pagu-Pagã” ou no sorriso sincero de “Interrog-ação”. Ainda têm mãos para conectar às “Companheiras” e dedicar-se a uma auto-construção do “Território”. Os passos são meus, mas o caminho é nosso.

Elaine Freitas de Oliveira

POR TODAS

Cinco? Doze? Muitas a menos
todos os dias quando acordo
e procuro minhas irmãs
esposas, prostitutas, diaristas,
professoras, garis, merendeiras,
motoristas, pacifistas, guerrilheiras

cercadas pelo patriarcado
que nos apedreja

para partir a mulher
que o machismo não aceita
como uma pessoa inteira

e nos quer fruto de sua costela,
metade incompleta, pecadora, imperfeita,
sob seu julgo e sua tutela,
flor de delicadeza, silenciada,
ridicularizada, amedrontada,
medida, moldada,
esquartejada na descrição
de um corpo-objeto que o homem deseja.
Prisioneira.

Lágrimas de março
fazemos chover
contra o fogo inquisitório
ameaçando a Liberdade

desse Ser-Mulher
feito de luta, sonho,
força e arte.

Tornar-se mulher
exige coragem.

1 - é autora do livro de poesias “Palavras Armadas” (2011). Professora de Sociologia do Colégio Estadual Paulo de Frontin (RJ) e doutoranda em Ciência Política pela UFF.

ESSAS MULHERES

Não somos pra casar.
Não somos pra servir.
Não somos de calar.
Não somos de fingir.
Não somos de apanhar.

Somos pra amar.

Amor combina cuidado e desejo.
Sem confundir com controle e domínio
a nos subordinar e oprimir.

Não é emprego,
servidão doméstica,
sob imposição de regras
suportadas quietas.

Só valem compromissos mútuos,
lado a lado por iguais direitos,
companheirismo nos tumultos –
preferência pelas rosas
que plantamos juntos.

Relação é um jogo de compreensão
e não de competição:
quando existe um vencedor,
quem perde
é o amor.

Este sentimento coletivo
com poder de assumir formatos distintos,
executar tantos cantos,
promovendo risos altos, afirmativos,
sinceros somente se em elogio ao feminismo
inscrito no corpo, no fogo e na cidade,
rasgando a mortalha pseudo-protetora do machismo,
expondo sua crua crueldade.

Amor coletivo
sabedor do desagrado provocado
por um privilégio ameaçado.

Em passeata e dentro de casa,
mandamos os defensores do patriarcado se...doer
porque não somos pra casar:
somos de viver!

PAGU-PAGÃ

Sem cordura, nem pejo,
exponho em praça pública
a sanha do meu desejo.

Sem sombra, nem curva,
eu despejo vontades públicas
no púlpito de suas cruzes
e dos seus credos.

Porque não rezo, não temo, nem almejo
um céu aberto de anjos contra os infernos
que são estes medos, aqueles tédios,
pedaços de nós mesmos.

Porque não prego, não nego, nem apedrejo
espelhos mostrando outros
distantes ou bem perto,
diante ou dentro de opostos
nos quais me estranho e me reconheço.

INTERROG-AÇÃO

Queriam que eu fosse mãe,
dona-de-casa,
bem-ajustada
e correta.

E eu?

Ah! Eu queria ser POETA.

Trancaram a porta da rua,
xingaram mulheres nuas,
amaldiçoaram com frases de Profeta
o destino de quem se permite e se revela.

Foi aí que fugi, sem mapas,
rápida, sebo na canela!

Me mostraram suas certezas
sobre medidas - de peso, de caráter,
de roupas, de pureza -
a fim de que eu me enquadrasse.

Escolhi me perder
de tantas verdades incontestáveis.

Fui abandonada
por Deus, pela Família e pela Propriedade
em favor de toda Liberdade
de ir em busca de minhas dúvidas.

Sonho ser uma pergunta.

COMPANHEIRAS

Somos todas.

Desde o nascimento:

cada afeto,
sacrifício,
gozo
e ofício

participa da criação do feto,
estimula a contração,
acolhe o choro aberto,
mantém a transmissão de vida
pelo cordão,

oferece o peito,

rebenta conosco
o Universo.

Não existe solidão.

Somos todas Multidão.

E morrer é o nosso inverso.

(Fechar-se é tipo de morte
chamada introspecção.)

Viver é toque,
troca,
conexão.

TERRITÓRIO

Corpo como cidade,
ergo viadutos a darem
circulação ao presente
sustentado acima do

passado engarrafado
nas antigas vias
onde pretéritos amores
ficam encostados,
sobrevivendo à intempérie
no abrigo gélido dos alicerces
a suportar o novo
sempre apressado
ao encontro do túnel
e da luz depois
de imprevisível futuro
quando se saberá ilusória
toda onipotência sentida
do alto de anterior viaduto
considerado como posto
mais elevado do mundo,
de onde se via tudo.

Corpo, como cidade
a nutrir minhas estruturas
e sustar 24 horas diárias de velocidade.

Por vezes, praça em si,
quando serenidade,
a admirar esta megalópole
entrecruzada por sentimentos estranhados
e pensamentos de alteridade:
outros seres,
várias idades,
muitas cidades.

Certos dias, palco fabuloso
a multidões obstinadas,
motivadas por revoltas e vontades.

Em perene construção,
surgiu como cidade planejada,
cujo plano-piloto foi tomado
pela dinâmica das cidades-satélites
e abandonei a forma-monumento
para ser corrente viva, improvisada.

Preservei espaço para centro histórico
a arrancar suspiros nostálgicos.
Tenho atividade circense, poderes políticos,
bibliotecas, bares e naufragos.

Cidade litorânea,

sem cordilheira que lhe proteja
da fome e ganância dos viajantes.
Levanto fortaleza,
mas os guardiães são distraídos,
sendo seduzidos
por qualquer canto de sereia.

Perto, há um píer
para longa hora
em companhia amiga.

À margem, uma ansiosa pluralidade de vozes
entre não-mais-querer e potências-do-ser.

Cidade em expansão,
até confundir-se com outros corpos,
em conurbação.

E desconhecer-se.

Feito um acabar.

Ou talvez só esteja aumentando,
desfazendo a unidade que lhe definia o tamanho
para saber-se fragmento do planeta.

Feito um desaguar.

Contendo rochas,
bichos, movimento.

Cidade sagrada
cujo destino
é ser profanada.

Corpo pisado
por deslumbramento;

redesenhado:
limites vencidos
através dos contatos.

Chão da minha música,
das minhas dúvidas
e de renascimento.

Corpo como cidade
onde me reinvento.